

# A metrópole como espaço-tipo de uma experiência sensível\*

The metropolis as a space-a kind of sensory experience

Julieta M. de Vasconcelos Leite

## Resumo

A experiência sensível da metrópole nos finais do século XIX constitui, na obra de Georg Simmel, uma via de caracterização da cultura moderna. Ao descrever as diversas facetas da cidade grande, ele funda uma teoria sensível da modernidade, construída a partir da tomada de consciência de uma reconfiguração espacial que corresponde às novas formas de relações sociais e de existência coletiva. Abre-se assim uma perspectiva para os estudos urbanos com base na sensibilidade e na subjetividade. Este artigo propõe visitar as análises da metrópole de Simmel enquanto proposta de uma abordagem estética das manifestações socioespaciais urbanas, a partir da qual podemos pensar as transformações das metrópoles contemporâneas.

**Palavras-chave:** Georg Simmel; metrópole; experiência estética.

## Abstract

*The sensory experience of the metropolis analyzed by Georg Simmel in the late nineteenth century represents a way to characterize the modern culture. Describing the various facets of the city, he founded a sensible theory of modernity, constructed from the awareness of a spatial reconfiguration that corresponds to new forms of social relations and collective existence. This point of view opens a perspective for urban studies based on the sensitivity and subjectivity. The aim of this paper is to revisit Simmel's analysis of metropolis as a proposition for an aesthetic approach of socio-spatial manifestations in urban space, from which we could envision contemporary metropolis transformations.*

**Keywords:** *Georg Simmel; metropolis; aesthetical experience.*

## Introdução

A metropolização da cidade europeia nos finais do século XIX é um fenômeno que origina uma nova forma de experiência urbana. A imagem da cidade, sua fisionomia, muda consideravelmente sob efeito dos novos ritmos de vida, de circulação e de concentração de pessoas, da diversificação de atividades, materiais e tipos de construções. Esses fatores contribuíram para a dinamização das faculdades perceptivas dos espaços de vida metropolitano e servem de fio condutor das análises sociológicas de Georg Simmel sobre a cidade, mais especificamente Berlim, verdadeiro *genius loci* do pensamento desse autor.

O desenvolvimento tecnológico que acompanha a revolução industrial é observado do ponto de vista das transformações sensíveis na experiência espacial da *Großstadt*, do alemão, a “cidade grande”. Tais mutações na vida da sociedade urbana dão origem a um novo panorama cultural, o da modernidade. É nesse contexto que Simmel privilegia as formas de expressão individuais e coletivas como objetos centrais da sua análise, elas permitem-lhe aprofundar diversos eixos de investigação que se estendem de modo geral às formas de percepção e de interação no espaço e definem uma abordagem compreensiva da subjetividade social da época.

A atenção dada por Simmel aos fenômenos que se produzem nas “grandes cidades” contribui com uma corrente de pensamento voltada para a experiência perceptiva e psíquica nos estudos sociológicos. É importante contextualizá-la num movimento de revalorização de sensível no pensamento científico

que se desenvolveu nos finais do século XIX em torno de esquemas de organização da experiência vivida. Tal postura filosófica é ressaltada, por exemplo, no pensamento vitalista (Bergson, 1927), que procura integrar dados sensoriais da percepção baseada na experiência direta do corpo, e pela emergência de uma corrente de pensamento fundada no princípio de *Einfühlung*, expressão de origem alemã que pode ser traduzida por empatia. Esses termos descrevem o ato de projeção dos sujeitos em algo exterior estabelecendo uma espécie de fusão entre eles, que decorre da experiência sensorial ou da emoção vividas em comum. Uma fusão que nasce, portanto, do contato com o ambiente, um espaço, um objeto.

Observa-se, assim, uma retomada do valor da experiência segundo as perspectivas estética e fenomenológica dos finais do século XVIII quando, progressivamente, questões como a beleza, por exemplo, passam a ser tratadas em torno da relação entre o sujeito da percepção e o objeto percebido, e não mais de maneira objetiva, independente das capacidades perceptivas dos sujeitos. Desse modo, é possível identificar, na contracorrente do pensamento mecanicista e cartesiano, as bases que orientaram o reconhecimento e a valorização de uma “ambiência estética” (Maffesoli, 2007) metropolitana, fundamentada na partilha da experiência vivida. É sob tal concepção estética, tomada em seu sentido etimológico, daquilo que remete à sensibilidade, ao sentimento, à afetividade e às emoções, que Georg Simmel elabora um olhar sobre a metrópole.

Sua originalidade reside assim na construção desse ponto de vista da cidade como forma de expressão cultural que vai além da visão funcionalista em voga dentre os primeiros

estudos ditos “urbanos”<sup>1</sup> e que toma em consideração fenômenos socioespaciais em mutação. Segundo Gilbert Durand (1994, p. 37), a análise sociológica de Simmel da vida moderna tem um grande mérito por alimentar um campo de pesquisa até então negligenciado. Este artigo procura trazer à luz questões elaboradas na teoria de Georg Simmel sobre a metrópole como uma contribuição atual e necessária à compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos.

## A metrópole como espaço sensível da experiência urbana

De modo geral, o estudo de Simmel sobre a cidade moderna consiste mais numa interpretação do que um conjunto de conhecimentos. Ele reconhece que, dada a complexidade do fenômeno urbano, é mais adequado interpretá-lo por fragmentos. O conhecimento desse objeto está essencialmente na construção de uma imagem intelectualmente coerente que se constrói a partir de impressões sensíveis e fragmentárias de seus componentes (físicos sociais e imaginários). Sua teoria inaugura assim uma série de novas e complexas abordagens: o estrangeiro, o dinheiro, a moda, a rua e a *flânerie* que abrem uma via de integração dos signos da cultura urbana no discurso sobre a cidade moderna.

A dimensão psicossocial ocupa um lugar considerável na análise da metrópole de Simmel. O problema da objetivação e da alienação do indivíduo perpassa vários dos seus textos sobre a sociabilidade urbana, e é assim colocado:

Esse me parece ser o motivo mais profundo pela qual a grande cidade sugere uma tendência à pulsão rumo à existência pessoal a mais individual (...) o desenvolvimento da cultura moderna caracteriza-se pela preponderância daquilo que se pode denominar espírito objetivo sobre o espírito subjetivo. (1989 [1903], p. 238)<sup>2</sup>

Desse modo, Simmel demonstra ver na metrópole vários aspectos favoráveis ao desenvolvimento da razão e do intelecto, mas também um lugar de estímulo a novas formas de sensibilidade. Apesar de colocar claramente a ideia de intensificação da nervosidade no modo de vida urbano, diante de sua experiência concreta, ele atribui uma causa aos comportamentos sociais na metrópole, atribuindo-lhes uma justificativa e até mesmo certa importância:

Mediante a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável. (...) Se o contato exterior constante com incontáveis seres humanos devesse ser respondido com tantas quantas reações interiores – assim como na cidade pequena (...) – então os habitantes da cidade grande estariam completamente atomizados interiormente e cairiam em um estado anímico completamente inimaginável. (Ibid., p. 241)

Simmel não exclui da sua análise o aspecto funcionalista da metrópole, vista também com sede da economia monetária, centro de trocas e de produção, como rede que absorve as interações sociais, físicas e psíquicas e como espaço de atividades operacionais. É precisamente tal generalização das relações de

produção que, segundo ele, cria um processo de racionalização das relações sociais. No entanto, teria esse autor uma visão pessimista do sujeito na metrópole? Nas suas considerações, o “espírito objetivo”, o “caráter *blasé*” e até mesmo a competição fazem parte de uma “dinâmica conflitual” da sociedade onde, apesar de tudo, é possível identificar certos valores (Jonas, 2008, p. 69).

Do ponto de vista físico dos espaços da metrópole, o desenvolvimento da indústria, o aparecimento do automóvel, a utilização do ferro e do vidro correspondem a uma estética própria aos novos modos de produção mecanicista e padronizada. No entanto, aos olhos de Simmel, os espaços resultantes dessas inovações tecnológicas não são, de modo algum, pobres nem em estímulos sensoriais, nem em formas imaginativas. A metrópole é considerada como espaço de acentuada sensibilidade, em face dos estímulos provenientes da velocidade, do movimento, da multiplicação de símbolos e de códigos socioculturais que solicitam incessantemente a atenção dos cidadãos. Desse modo, ela é tida como lugar específico de emergência de determinadas formas estéticas, associadas a uma sociabilidade e uma expressão cultural próprias.

Do ponto de vista social, a atomização dos comportamentos e a indiferença que se estabelece diante da massificação de símbolos nos espaços de vida metropolitanos estimula um convite a exteriorizar os traços de singularidade e de distinção, possível de ser considerado como um estímulo positivo na metrópole. Na análise de Simmel, as roupas e a aparência das pessoas agem como códigos de comunicação, de interação e de interiorização individual, que atraem a atenção dos cidadãos. A moda

vem a ilustrar um novo fenômeno veiculado nos espaços públicos onde os indivíduos ou “tipos urbanos” passam a ser um elemento a mais de apreensão através do olhar. De maneira dinâmica, tal fenômeno associa-se ao desenvolvimento da *flânerie*, guiada pela fantasia e pelo prazer em observar tais personagens e objetos e em percorrer os espaços da cidade moderna.

Desse modo, Simmel apresenta uma leitura da experiência metropolitana guiada pelas sinalizações e interações que nascem das situações e dos contatos constantemente vividos no cotidiano dos recintos da cidade onde os sentidos são cada vez mais solicitados. Vale ressaltar que, segundo essa análise, não se trata simplesmente de uma proliferação de imagens nas grandes cidades, mas de uma maneira de integração dos sujeitos enquanto observadores e como elementos dinâmicos associados uns aos outros e ao tecido urbano. Por detrás desses elementos surge um modo de vida e uma maneira de pensar o mundo, mas também uma hierarquia social e territorial, uma concepção de espaço e uma atitude diante da cidade moderna.

Desse modo, a acuidade da visão torna-se indispensável à experiência dos espaços metropolitanos e ao estabelecimento das relações sociais, onde o olhar permite instaurar uma comunicação baseada em símbolos e códigos como a moda. Segundo a análise simmeliana, o olho tem um sentido particularmente especial em relação aos demais órgãos de percepção, responsável não somente por uma forma de experiência espacial sensível, mas também por um papel sociológico. As situações de face a face e as trocas de olhares decorrentes que se produzem nos recintos e espaços públicos

da metrópole – como o ônibus, o metrô, o café e a rua – são consideradas como meios a partir dos quais se estabelece um contato, muitas vezes próximo da percepção tátil: “as relações entre os homens das grandes cidades, se comparadas às das pequenas cidades, são caracterizadas por uma predominância acentuada da atividade da visão sobre aquela da audição” (Simmel, 1981, p. 230).

Simmel destaca, assim, como, no espaço da metrópole, as propriedades dos sentidos, e em particular a possibilidade de se relacionar simultaneamente com um grande número de pessoas dentro de um mesmo processo de percepção seria um fato de coesão social. Segundo ele, a “unidade de impressão” que nasce da “comunhão de emoções” permite, pela sua intimidade, uma união qualitativa entre os indivíduos (ibid., p. 233). Tais considerações remetem assim a uma concepção estética tanto dos modos de interação social como de experiência urbana, tomando o espaço da metrópole como matriz relacional da vida coletiva e como sua forma de expressão.

## Da estética da forma urbana à metrópole como modelo cultural

O maior encanto da beleza se deve, talvez, ao fato de que ela encarna a forma de elementos que lhe são indiferentes e dissociados, mas adquirirão um valor estético apenas por meio de sua justaposição.

Tal citação corresponde à introdução do ensaio *Roma, uma análise estética*, de Georg Simmel (2006 [1898]), onde ele coloca em linhas gerais a essência da sua análise dessa cidade, a partir de um posicionamento epistemológico que se constrói em torno da forma. A forma urbana é o atributo principal através do qual ele descreve tanto a espacialidade como a “vida mental” de Roma. Nesse texto, apresentado como parte de um conjunto de ensaios, *Roma, Florença e Veneza* (2006), Simmel faz considerações aos aspectos psicológicos do estilo de vida dessas cidades, assim como fez com as metrópoles do século XIX (1989, [1903]). No entanto, a análise estética de Roma e Florença, feita a partir da analogia entre essas cidades e as obras de arte, apresenta um traço particular na teoria de Simmel, na medida em que seus textos sobre Veneza e Berlim revelam outros aspectos físicos (do espaço urbano) e psíquicos (dos seus habitantes). Em todos os casos, a abordagem estética expressa o “toque” vitalista e uma orientação fenomenológica nos seus textos sobre a cidade.

A forma, fio condutor da análise dessas cidades, é interpretada como resultado da organização de diversos elementos que a compõem, reunidos por justaposição. Tal princípio sugere uma concepção estético-espacial da cidade enquanto unidade orgânica, que permite captar a transitoriedade de seus elementos reunidos ao longo do tempo e em único lugar. Segundo esse princípio, a forma encontra sua “razão” nela mesma: é partir do interior que ela extrai seu dinamismo, emite uma ideia de vitalidade. A forma orgânica reúne e estabelece a junção de elementos distintos, ela

é resultado da sinergia entre seus componentes, num estado de possível reversibilidade e de coexistência entre elementos estáticos e dinâmicos. Tal princípio pode ser aplicado às cidades contemporâneas, cuja complexidade e fragmentação espacial são cada vez mais expressivas.

Dotada de um valor estético, a forma remete à experiência sensível da cidade que se constrói pela percepção de sua configuração, fruto da reunião de elementos complexos, cuja unidade se encontra na justaposição desses elementos, mas também naquele que os observa. Nesse sentido, a noção de forma permite uma apreensão da realidade social enquanto produto de relações que remetem a processos de empatia tal como a ideia de *Einführung*, ou seja, de partilha de sensações e emoções que fazem parte da experiência vivida. Ao levar em consideração os fatos e as formas da cidade, podemos constatar na metrópole de Simmel um tipo de sensibilidade social e cultural *per se*, cujo modelo é a cidade "idealtípica" de Berlim.

Mesmo que a análise estética de Simmel procure definir a "tonalidade emocional" de cada cidade, ele não se propõe a apreendê-la inteiramente em sua totalidade. Isso se deve, provavelmente, ao emprego de uma abordagem fenomenológica, renunciando conceber o mundo como uma totalidade, e sim como organicidade. Simmel prioriza uma elaboração teórica compreensiva, sob forma de vários ensaios que transmitem, por fragmentos, a complexidade da vida urbana, impossível de ser apreendida por meio de categorias globalizantes. Portanto, é como modelo cultural específico – e não como lugar de produção e circulação de bens e valores típicos da era industrial – que a metrópole é concebida por Simmel. Nessa

perspectiva, ela representa o espaço de uma sociabilidade própria, cujos conteúdos são mais ou menos explícitos, constantemente em movimento e transformação. A cidade grande define assim um estilo de vida e uma cultura intimamente relacionados ao progresso tecnológico e econômico, mas também a uma determinada experiência sensorial intensa em estímulos físicos e psicológicos.

## Contribuição do pensamento simmeliano ao estudo das metrópoles contemporâneas

Segundo a análise de Georg Simmel, é possível tomar a metrópole como um espaço-tipo de experiências sensoriais associado ao desenvolvimento tecnológico da época, a uma forma de sociabilidade e uma expressão cultural específicas. Seus estudos terminam por elaborar uma teoria sensível da modernidade marcada pela tomada de consciência de uma espacialidade própria, a da metrópole, e das relações que essa espacialidade estabelece com as formas de existência modernas. Desse modo, acredita-se que essa teoria possa constituir uma via para os estudos sobre a sensibilidade e a subjetividade urbanas contemporâneas; mais que isso, que o pensamento simmeliano merece ser revisitado e atualizado enquanto fundamento teórico e metodológico para a compreensão do estado atual das cidades. Afinal, a cidade continua sendo um campo de experiências sensoriais, que se redefine segundo os valores culturais que lhe são próprios.

Faz-se necessário, assim, retomar determinados elementos e estruturas presentes nas

reflexões sobre a metrópole de Simmel enquanto pistas de reflexão sobre a experiência urbana contemporânea. Por exemplo, as construções subjetivas, os imaginários cidadãos e suas modalidades de partilha e de interação que continuam a fazer parte do repertório de modelos, ou arquétipos, que determinam a relação com o outro e com o espaço e somente são apreendidos a partir de uma perspectiva estética (Maffesoli, 1986). Enquanto construção intelectual, esse tipo de sensibilidade é particularmente voltado para as manifestações individuais e coletivas e oferece uma compreensão do espaço urbano enquanto campo de experiências sensoriais. É preciso também levar em consideração uma concepção orgânica dos espaços urbanos, definida pela reunião de vários componentes, cujo caráter, o *Stimmung*, corresponde a uma atmosfera vivida e sentida. É nessa perspectiva, diferente da visão funcionalista, que os espaços adquirem e transmitem significados.

A abordagem estética de Simmel pode então servir de ferramenta para a compreensão dos espaços de vida da atualidade, onde os símbolos e códigos se difundem por meio da moda, das pichações, das manifestações das tribos urbanas; onde numerosas imagens e informações proliferam através dos *écrans* e painéis digitais presentes nos espaços públicos. Tal abordagem dá valor e importância aos estímulos sensoriais que participam da experiência subjetiva da cidade, onde a arte e a arquitetura buscam uma visibilidade cada vez maior e cujas formas de expressão refletem o humor, os sentimentos e os ritmos da vida cotidiana.

Ao levar em consideração a comunicação simbólica como fator de socialização, isto é, de construção da interação no espaço urbano,

Simmel caracteriza um processo de distinção socioespacial bastante difundido nos dias hoje e que está associado à formação de identidades múltiplas e de diversas comunidades fundadas dentro de um processo interativo da empatia. Os símbolos e códigos de comunicação regem tanto os processos de individualização como os de relação com o outro. Tal fenômeno, observado em torno de manifestações estéticas como a moda, expressa a ambivalência dos desejos da e na cidade, como o de tentar alcançar uma autonomia a partir da afirmação da diferença. Se as considerações de Simmel sobre a moda encontram hoje uma atualização, esta se deve às múltiplas formas de distinção observadas nos espaços urbanos, por meio das quais os lugares, assim como os cidadãos, buscam uma possível singularidade, sem necessariamente romper com sua dimensão universalizante.

Essa ambivalência nos territórios urbanos contemporâneos pode ser reinterpretada a partir das considerações sobre a organicidade da forma urbana. Enquanto categoria ou “molde cognitivo”, ela dá ordem às situações e aos particularismos, colocando em relação as motivações e as maneiras de ser que não são nem exclusivamente racionais, nem exclusivamente sensíveis. Ao permitir pensar o constante e o inconstante, ela serve como meio de compreensão do princípio interno de organização dos espaços urbanos enquanto expressão sensível de uma realidade que se fundamenta na coexistência e na interação entre elementos de naturezas diversas.

Nosso discurso se insere numa visão geral do estado atual da cidade e da sociedade ocidentais, seguindo a lógica simmeliana, a partir da qual os questionamentos sobre a cidade emanam uma necessidade de

compreensão da sociedade e de sua organização espacial. Retomamos assim alguns dos valores que regem uma corrente sensível no pensamento da cidade moderna, tal como a percepção sensível do espaço, a perspectiva estética da forma, as práticas de socialização por meio da comunicação simbólica, da

construção e da partilha de experiência vivida. Quase um século mais tarde, esses temas ressurgem de maneira atualizada, eles servem de categorias metodológicas ou como um tipo de ferramenta para analisar e descrever a sensibilidade intelectualmente construída nos dias de hoje.

### **Julieta M. de Vasconcelos Leite**

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Sociologia pela Université Paris Descartes, Sorbonne. Pesquisadora do CeaQ/Sorbonne.  
julietaleite@gmail.com

## Notas

(\*) Este artigo foi elaborado a partir da tese intitulada *Mediações tecnológicas na cidade: da experiência do espaço à construção de interações sociais híbridas*, apresentada por esta autora em outubro de 2010 para obtenção do grau de doutor em sociologia na Université Paris Descartes, Sorbonne. Este estudo foi desenvolvido com apoio do Alban (Programa de bolsas de alto nível da União Europeia para a América Latina, 2006-2009) e da Fundação Capes (2009-2010).

(1) O termo Urbanismo passa a ser empregado entre 1850 e 1870, época das primeiras grandes reformas urbanas empreendidas pelo Barão Haussmann, em Paris, e por Idelfonso Cerdá, em Barcelona. Segundo Françoise Choay (1965), seu texto fundador data de 1867, quando Cerdá publica a “Teoría General de la Urbanización”. É a partir desse período em que se enunciam as pretensões científicas de tornar o Urbanismo uma disciplina do conhecimento.

(2) As citações presentes no texto foram traduzidas pela autora.



## Referências

- BERGSON, H. (1927). *L'Evolution créatrice* [1907]. Paris, Rombaldi.
- CHOAY, F. (1965). *L'Urbanisme, utopies et réalités: une anthologie*. Paris, Seuil.
- DURAND, G. (1994). *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris, Hatier.
- FÜZESSÉRY, S. e SIMAY, P. (org) (2008). *Le choc de Métropoles. Simmel, Kracauer, Benjamin*. Paris, Eclat.
- JONAS, S. (2008). "Simmel et Berlin: de la Grande Ville à la Métropole". In : FÜZESSÉRY, S. e SIMAY, P. (org). *Le choc de Métropoles. Simmel, Kracauer, Benjamin*. Paris, Eclat.
- MAFFESOLI, M. (1986). "Le paradigme esthétique (la sociologie comme art)". In: WATIER, P. (org.). *Georg Simmel, la sociologie et l'expérience du monde moderne*. Paris, Méridiens Klincksiek.
- \_\_\_\_\_ (2007). *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris, La table ronde.
- SIMMEL, G. (1981). "La différenciation sociale" [1894]. In: *Sociologie et épistémologie*. Paris, PUF (Presses Universitaires de France).
- \_\_\_\_\_ (1981). "Essai sur la sociologie des sens". In: *Sociologie et épistémologie*. Paris, PUF (Presses Universitaires de France).
- \_\_\_\_\_ (1989). "Les grandes villes et la vie de l'esprit" [1903]. In: *Philosophie de la modernité, esthétique et modernité, conflit et modernité, testament philosophique*. Trad. Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris, Payot.
- \_\_\_\_\_ (2006). *Rome, Florence, Venise* [1898]. Paris, Éditions Allia.
- \_\_\_\_\_ (2007). *Les grandes villes et la vie de l'esprit, suivi de Pont et Porte* [1909]. Trad. Françoise Ferlan. Paris, l'Herne.

Texto recebido em 21/fev/2011  
Texto aprovado em 24/maio/2011

